

A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XX E XXI

RÔMULO MEIRA REIS

Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, Rua Muniz Barreto nº 51, Botafogo.
romulo.reis@facha.edu.br

FELIPE DA SILVA TRIANI

Centro Universitário Gama e Souza – UNIGAMA
Universidade Estácio de Sá – UNESA
felipetriani@gmail.com

SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Av. Carlos Chagas Filho nº 540, Cidade Universitária.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rua Francisco Xavier nº 524, Maracanã.
silviotelles@terra.com.br

RESUMO

O presente manuscrito, de caráter ensaístico, propõe algumas reflexões no tocante à capoeira, suas características e associações com a sociedade brasileira. A fim de atender ao objetivo do texto, esse trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa adotando a investigação bibliográfica como técnica de aproximação com os dados. As reflexões demonstram como a capoeira, historicamente, vem sendo objeto de reconfiguração de acordo com as transformações sociais. Nota-se que há tempos persiste a discussão sobre seu caráter esportivista, chegando a ser proposta, inclusive, como modalidade olímpica. Portanto, embora as discussões científicas sobre a temática tenham avançado, os debates sobre suas características identitárias ainda persistem.

Palavras-chave: Lutas; Ciências do Esporte; Educação Física.

ABSTRACT

This essay, of an essayistic nature, proposes some reflections regarding capoeira, its characteristics and associations with Brazilian society. In order to meet the objective of the text, this work was developed from a qualitative research using the bibliographic investigation as a technique of approximation with the data. The reflections demonstrate how capoeira, historically, has been the object of reconfiguration according to social transformations. It is noted that the discussion about its sports character persists for some time, even being proposed as an Olympic sport. Therefore, although scientific discussions on the subject have advanced, debates on their identity characteristics still persist.

Keywords: Fights; Sport Sciences; Physical Education.

INTRODUÇÃO

A capoeira é um fenômeno sócio cultural que manifestou-se na sociedade seguindo uma trajetória histórica com momentos diferentes que perpassam pelos males da escravidão, perseguição, criminalização e proibição, revoltas, movimentos políticos, esportivização, popularização, chegando até ao reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em 2014, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Durante esse percurso suas origens permanecem um mistério, mas é factual que capoeira se desenvolveu e manifestou de formas diferentes nos locais ou regiões em que sua existência e prática foram encontradas, mudando a maneira de atuação conforme o período temporal vivenciado exigia. Coexistindo e enraizada na sociedade estando intimamente ligada ao contexto cultural, político, econômico e social do Brasil.

Isto posto, Veyne (2008) nos indica que é impossível descrever uma totalidade e toda descrição é seletiva, competindo ao pesquisador no máximo multiplicar as linhas do mapa factual que a atravessam para criar um percurso de entendimentos possíveis. Assim, dentro desta perspectiva, o objetivo deste artigo é compor uma narrativa sobre o desenvolvimento da capoeira a partir do século XX até os dias atuais.

Nesse contexto, abordaremos os tópicos que consideramos mais relevantes mantendo sempre a relação entre a capoeira, suas características e a sociedade brasileira.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo possui uma perspectiva sociocultural e historiográfica. Para atingirmos o objetivo determinado empregamos o método da pesquisa bibliográfica por meio de fontes consideradas tradicionais, como por exemplo: livros, capítulos de livros, artigos, resumos, teses, dissertações e anais de eventos científicos (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009). Diante dos dados contidos nestas fontes realizamos uma análise qualitativa e adotamos os pressupostos teóricos delas para compor o percurso exposto na análise e discussão dos resultados, tendo como delimitação temporal o século XX até os dias atuais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A capoeira no século XX

A proclamação da República em 1889 não trouxe bons frutos para a capoeira, os presos por sua prática começaram a ser transferidos para o presídio de Fernando de Noronha. No ano seguinte, 1890, a capoeira é enquadrada como crime no Código Penal nos artigos 402, 403, e 404, dando continuidade ao processo prisão e deportação para Fernando de Noronha e para Colônia Correccional de Dois Rios, Ilha Grande/RJ (VIEIRA, 2006). Logo, a campanha de combate à capoeira conduzida por Sampaio Ferraz, chefe de polícia, com carta branca do Marechal Deodoro da Fonseca, sagrou-se bem sucedida acabando com as maltas (grupos organizados de capoeiras), desfazendo os laços entre a polícia, políticos e os capoeiras, mas não a exterminou (DIAS, 2001; SOARES, 1999; BRESTAS, 1991).

O último movimento político restante com a participação de capoeiras foi a Revolta da Vacina Obrigatória em 1904, quando o Governo de Rodrigues Alves homologou a lei estabelecendo a obrigatoriedade em todas as casas. A poluição já insatisfeita com o governo, interpretou a ação como arbitrária e deprimente, se revoltando causando tumultos e conflitos generalizados nas ruas do Rio de Janeiro. Nestes conflitos estavam os capoeiras remanescentes da malta dos Gaiamús, o Prata Preta, considerado um dos líderes da revolta, que antes de ser preso enfrentando um grupo do exército matou um soldado e feriu gravemente dois policiais, possuindo uma navalha, uma faca e dois revólveres nas mãos (CUNHA, 2015; DIAS, 2001).

A repressão e caça aos capoeiras no Rio de Janeiro são ímpares determinando novos rumos para a capoeira carioca, fazendo com que as demais praças pelo Brasil mereçam uma análise diferenciada. Contudo, é com este pano de fundo, crime e proibição, que a capoeira ingressa no século XX no Brasil.

Uma das características da capoeira é adaptar-se às condições, o “jogar conforme a razão”. Assim, os capoeiras para sobreviver seguiram na sociedade exercendo profissões como: militares, estivadores, capangas de políticos (seguranças), ajudantes de polícia, cabos eleitorais, entre outros (AREIAS, 1983; DIAS, 2001; OLIVEIRA E LEAL, 2009). Desse modo, houve transmutações da capoeira em diferentes formas e regiões, por exemplo: No Rio de Janeiro o capoeira incorpora a figura do malandro carioca, se junta a turma da lira com os capoeiras serenatistas ou aparecem durante o carnaval com a pernada carioca nas rodas com batuque e samba (DIAS, 2001); Em Belém, os capoeiras se confundem com os mestres do Boi-Bumbá; Em Salvador, a vadiagem como a capoeira foi codificada, muitos capoeiras foram ogãs e filhos de santo (OLIVEIRA E LEAL, 2009, p.41); No Recife, onde houve grande repressão, os capoeiras estavam nas massas de desconhecidos agindo em grupos ou gangues nos desfiles de banda, estigmatizados como brabos e valentões, os quais foram presos logo no início do século XX, posteriormente ressurgem articulados aos passistas do frevo (OLIVEIRA, 1985; OZANAM, 2013). Barbosa (2017) revela a presença de capoeiras em Alagoas por volta de 1911, mostrando uma possível simbiose entre vadios e capoeiras no Estado. Nas cidades como São Paulo, São Luiz e Belém, a capoeira é era chamada de carioca ou jogo da carioca, possível indício de mudança de cidade dos capoeiras caçados no Rio. Tais evidências reforçam o que Falcão (2016) afirma como mobilidade, permitindo que a capoeira se materialize em diferentes e contraditórios significados em lugares distintos.

Por outro lado, as reações pró capoeira visando tirá-la da obscuridade ocorrem vinculadas às elites que se dedicam em colocar a capoeira como ginástica brasileira, esporte nacional ou mesmo luta para defesa pessoal. Assim, surgem as iniciativas para transformar a capoeira em “ginástica nacional” através das obras “O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira” em 1907, cujo autor assina por ODC (Ofereço, Decido e Consagro), seguida por “Ginástica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada”, de Annibal Burlamaqui, o Mestre Zuma em 1928, indicando influências para uma esportivização e ginástica. Neste mesmo ano, político e intelectual Coelho Neto já defendia o ensino da capoeira em colégios e quartéis (REIS, 1997).

Anos depois o professor Inezil Pena Marinho, em 1945, publicou o livro “Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem”, que reforçava a vertente da esportivização, mas deixava de lado a musicalidade ao ponto de não se referir ao berimbau. Esta ação é classificada por Reis (1997, p.109) como um jeito “branco e erudito” de capoeira descaracterizando o triplice perfil jogo, luta e dança. Embora, a crítica da autora seja plenamente válida, entendemos que esta foi uma das formas encontradas para a capoeira sobreviver.

Durante as primeiras décadas século XX a capoeira foi explorada por folcloristas, historiadores, antropólogos, sociólogos, literários e jornais destacando-a em Pernambuco, Salvador e Rio de Janeiro sob as facetas esporte, luta, dança, defesa e integrante do folclore brasileiro (OLIVEIRA E LEAL, 2009; RÊGO, 2015; VIEIRA E ASSUNÇÃO, 1998). Nesse contexto, alguns intelectuais cariocas começaram a deixar de lado as questões étnicas usando o termo “capoeira cruzada” ao fim dos anos 20, abandonando teorias racistas, transparecendo os traços mestiços, dando um cunho de singularidade nacional a capoeira e aceitando o caráter multiétnico (FALCÃO, 2016; REIS, 1997, p.112-113).

No campo da educação, a capoeira insidia como objeto de estudos e pesquisas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da então Universidade do Brasil, onde o professor Alberto Latorre de Faria, em 1939, indicava “que a capoeira deveria ter a sua metodologia aperfeiçoada e que a mesma fosse ensinada em escolas e universidades” (GONÇALVES, 1997, p. 45).

No campo da prática, em 1909 no Rio de Janeiro, ocorre a lendária luta do capoeirista Ciríaco da Silva, conhecido como Ciríaco Macaco, contra o lutador de jiu-jitsu Sada Miako campeão profissional que ensinava a luta aos oficiais da marinha brasileira. Em evento autorizado pela polícia sob o contexto

de luta brasileira (vale tudo), o capoeira venceu com um rabo de arraia (RÊGO, 2015). Essa façanha contribuiu para a reabilitação da capoeira, depois de anos de maciça repressão na capital (DIAS, 2001).

Ainda no Rio, Agenor Sampaio, Mestre Sinhozinho, impulsiona a capoeira como verdadeira ginástica nacional e luta pessoal, ensinando a famosos como Tom Jobim, Rudolf Hermann e Inezil Pena Marinho, confrontou inclusive, em 1949, a Capoeira Regional de Mestre Bimba em lutas entre discípulos vencendo os embates (LACÉ LOPES, 2002). E em 1928, é fundado o Departamento de Luta Brasileira da Federação Carioca de Boxe por intervenção de Annibal Burlamaqui. Portanto, atividades que contribuíram para uma nova visão sobre a capoeira, agora como ginástica, luta e esporte.

Na cidade de Salvador, surgem os trabalhos de Manoel do Reis Machado (1900-1974), o Mestre Bimba, frente a Capoeira Regional, e de Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981) com a Capoeira Angola. Ambos declararam explicitamente que aprenderam com negros africanos. Seus esforços institucionalizaram a capoeira com a adesão de uniformes, movimentos, instrumentos, ritmos e toques, metodologias de ensino, cursos, sistemáticas e avaliações (VIEIRA, 1995).

Mestre Bimba apoiado por alunos integrantes das elites consegue apresentar a capoeira Regional em lutas (vale tudo), eventos e exibições com frequência, resultando em maior aceitação, inclusão social e repercussão da capoeira. Assim, no período do Estado Novo, onde o Governo era populista, nacionalista sob grande influência militar, a capoeira conquista o reconhecimento como esporte nacional em 1936. É excluída do Código Penal em 1937 pelo então Presidente Getúlio Vargas, quem em 1953 cumprimentou Mestre Bimba no palácio do governo e reafirmou “a capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (CAMPOS, 2009).

Não pretendemos aqui colocar em pauta discussões conflitantes sobre os estilos da Capoeira Regional e Capoeira Angola. Pois, corroboramos com Vieira (1995) que essas questões foram diluídas ao longo do tempo fazendo com que muitas escolas ensinem e joguem uma “mistura de angola e regional” chegando a um ponto médio entre estas. Entretanto, compreendemos que existam correntes que defendem fervorosamente as práticas e conquistas destes estilos, principalmente em Salvador, berço das academias (VIEIRA, 1995).

É indiscutível que estes baluartes que venceram o racismo e o preconceito dando uma linhagem diferente a capoeira, mantendo viva a chama da cultura, inventando e reinventando tradições (HOBSBAWN E RANGER, 1984, REIS, 1997). São responsáveis por formar discípulos, inspirar novas escolas, novos métodos de treinamento, novos estilo e contribuírem substancialmente para difusão e crescimento da capoeira que na época perdia espaço para lutas como o judô, jiu-jitsu, box e greco-romana (VIEIRA E ASSUNÇÃO, 2009). Portanto, essas ações emergentes revitalizam e são consideradas como uma espécie modernização da capoeira como arte marcial frente as demais em curso na Europa e Ásia. Caracterizando uma nova fase da modernidade negra através da afirmação da cultura afro-baiana em Salvador ampliando a visibilidade do corpo negro nas Américas (ASSUNÇÃO, 2014).

Ambos os mestres adotam o berimbau como “batuta” das chamadas baterias, orquestras ou charangas, que indicam a cadência dos jogos dentro de um contexto mais lúdico. Mesmo existindo em outras civilizações, na África, por exemplo, era denominado Urucungo sendo usado para homenagear os mortos ligando os dois mundos, o berimbau é popularizado e estabelece no século XX, fortalecendo o que a comunidade da capoeira denomina de energia do canto (CAMPOS, 2009; RÊGO, 2015; REIS, 1997). Como também os mestres não faziam distinção de gênero a prática e treinos da capoeira, o próprio Mestre Bimba dizia capoeira é para homem, menino e mulher (CAMPOS, 2009).

Na segunda metade do século XX, a capoeira caminhava tendo a Bahia como referência (VIEIRA, 1995). No Rio de Janeiro, morre Mestre Sinhozinho em 1962, e seu trabalho com a chamada “capoeira utilitária” é descontinuado, contudo, abriu espaço para outros personagens como os Mestres Mario Buscapé, Arthur Emídio, baianos que deram novos contornos a capoeiragem carioca (LACÉ LOPES, 2002). Em São Paulo, ao longo da década de 1960 capoeiras como Mestre Ananias, Joel, Suassuna, Brasília e Limão vindos da Bahia chegam na cidade formando a “primeira geração” (REIS, 1997, p.163).

Ainda na década de 1960 surgem os grupos de capoeira, tendo como expoente o Grupo Senzala do Rio de Janeiro, criado a partir das iniciativas dos irmãos Paulo e Rafael Flores que durante as férias em Salvador treinaram com Mestre Bimba por dois meses, seguiram treinando e reunindo capoeiristas, dentre estes: Peixinho, Gato, Anzol e Nestor Capoeira, formando o grupo.

Por outro lado, a capoeira ganha espaço na sociedade sendo tema principal de eventos acadêmicos como o 1º Simpósio de Capoeira, em 1968 promovido pelo então Ministério da Aeronáutica na UFRJ (JORNAL DO BRASIL, 1968; VIEIRA, 2006). A principal discussão do evento estava entre defender a capoeira como luta e não como folclore. Decidiu-se na época que fundar uma federação de capoeira no Rio de Janeiro e também o então Capitão Lamartine declarou que a capoeira deveria ser ensinada nas escolas de Educação Física assim como as demais lutas, provável indício de uma futura inserção em escolas e universidades.

Nesse sentido, a vertente capoeira esporte e luta tem seu anseio atendido inicialmente com a vinculação da capoeira a Confederação Brasileira de Pugilismo em 1972, mesmo ano em que passa a ser considerada modalidade esportiva pelo Conselho Nacional de Desportos (CAMPOS, 2001). Em 1974, foi fundada a Federação Paulista de capoeira (REIS, 1997). Em 1984, nasce a Federação de Capoeira do Estado do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 1997). E posteriormente, em 1992, foi criada a Confederação Brasileira de Capoeira, sendo reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro em 1995 (VIEIRA, 2006).

Nas questões voltadas para área educacional, a capoeira conquista o espaço da escola através da Educação Física. Campos (2001) mostra que na Bahia entre 1961 e 1978 o governo homologou dispositivos legais tornaram a prática da Educação Física obrigatória em todos os níveis de ensino facilitando a inserção da capoeira em escolas. Em universidades, Gonçalves (1997) revela a inserção da capoeira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como disciplina desportiva em 1975, e no ano de 1978 a capoeira ingressa efetivamente no currículo de graduação em Educação Física. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1978 a disciplina capoeira é oferecida para todos os cursos da universidade, e em 1988 em definitivo no curso de Educação Física (CAMPOS, 2001). Atividades que inspiraram o mesmo movimento em outras universidades.

Destacamos que a capoeira ganhou muito valor como instrumento didático pedagógico e educacional atingindo escolas, creches, universidades, sendo referência para todas as faixas etárias e inclusive para atividades com pessoas com deficiência. Tanto que em 1999, a partir da nova Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996, a Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, lançou o Curso Superior em Capoeira, tecnólogo com duração de dois anos, o qual permaneceu ativo até 2004 (REIS E TELLES, 2006).

As décadas de 1970 a 1990 avançam seguindo a tendência da formação de grupos, com isso, diversos grupos e ramificações aparecem causando o que Reis (1997) qualifica como diáspora dos capoeiras. No entanto, este aumento gera uma infinidade de culturas, interpretações, nomenclaturas de golpes e movimentos, estilos, técnicas e sistemas de graduações, o que por um lado fortalece a individualidade permitindo a realização de competições ou torneios de nível regional, nacional e até mundial, festivais e eventos, com diferentes representações e formas de manifestar-se, dando total heterogeneidade a capoeira (FONSECA, 2009). Por outro, enfraquece o coletivo, deixando ausentes uma espécie de padronização ou esportivização mínima em termos de nomenclatura de golpes e movimentos.

Tal contação causa *modus operandi* distintos, por exemplo, quem realmente pode jogar na roda durante toque de lúna, Mestres ou alunos formados/graduados? Ou o toque de lúna é realmente um toque para cerimônias fúnebre? De maneira alguma, isto é uma crítica a diversidade, mas seja qual for caminho a ser escolhido pela comunidade da capoeira, livre manifestação ou padronização, haverá perdas ou ganhos no percurso.

A capoeira encerra o século XX, principalmente nas duas últimas décadas, passando uma espécie de massificação, expandindo-se no Brasil e exterior, principalmente, Estados Unidos e Europa. Materializando o que os capoeiras costumam dizer “deu volta ao mundo” (FONSECA, 2009).

A capoeira chega do século XXI globalizada, presente em mais de 150 países nos cinco continentes, reforçando seu caráter de transnacionalidade (FALCÃO, 2016; FONSECA, 2009). Representando sinônimo de brasilidade cultura e diversidade, permeando os mais vários espaços da sociedade tais como: academias, escolas, creches, praças, projetos sociais, universidades, grupos de shows e dança, teatros, cinema, entre outros (FONSECA, 2009).

Contudo, dentro da dicotomia de estilos das escolas de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, com Regional e Angola, predominante no século XX, surge a capoeira contemporânea, chamada também de angonal ou atual, defendendo a ideia da capoeira como uma única prática (OLIVEIRA E LEAL, 2005, p.52). Tirando a aceitação ou não do movimento contemporâneo, é possível verificar que a capoeira mais uma vez se reinventa, recebendo novos significados e características, estando em uma constante construção (OLIVEIRA E LEAL, 2005; VIEIRA E ASSUNÇÃO, 2009).

Assim, a noção de tradição inventada de Hobsbawn e Ranger (1984), citada nas pesquisas de Soares (2001 e 1999) e Reis (1997) sobre a capoeira nos séculos XIX e XX, se repete, sob a forma do discurso elaborado pela capoeira contemporânea. Contudo, fazemos um contraponto nessa questão das tradições inventadas: Se não fosse essa capacidade de se reinventar a capoeira chegaria onde chegou?

Isto posto, corroboramos com os autores Vieira e Assunção (2009) que se referem a desafios contemporâneos da capoeira tais como: a) Os novos capoeiras agora não precisam conviver com o desaparecimento da capoeira, pois a modalidade está consolidada; b) A atuação dos capoeiristas no exterior. Podemos estar próximos de formar um mestre ou mestra estrangeira, se já não há; c) Aspectos relacionados à prática, ensino e divulgação; e d) Transmissão de tradições e conhecimentos da capoeira. Além dessas, outras questões como a presença de mestres autodeclarados, e a maior participação da mulher na capoeira que apesar presentes em treinos, escolas e mestras, possuem pouco espaço nas rodas para jogos, são excluídas do toque do berimbau e até do puxar o canto (CRESSIONI, 2013, ZONZON, 2015). Sem falarmos nos tipos de jogo, formas de jogar e toques diversos de berimbau que foram criados, ampliam os desafios.

Empregando a visão das lutas, o MMA (Artes Marciais Mistas) ganhou muito espaço no mundo a partir de 2010 através da competição UFC, e a capoeira não poderia estar de fora. Seus golpes, destreza e agilidade estão presentes, entretanto, as cabeçadas pelas regras não valem, o representante mais recente é o brasileiro Michel Pereira, que estreou em 2019. Não obstante, com esta evidência do MMA a capoeira tem perdido espaços de trabalho em academias, escolas e projetos sociais. Até cursos superiores em Educação Física, têm trocado a disciplina capoeira por lutas como forma de abranger a temática, caso da UNISUAM no Rio de Janeiro.

No aspecto cultural, a capoeira no século XXI é coroada com o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2008. Em 2014, o fenômeno capoeira sobe de status novamente a partir do reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Também, é necessário comentar que a capoeira dentro da sua expansão reúne condições exigidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para ser um esporte olímpico. Assim, no tocante a esportivização da modalidade, seguindo os megaeventos esportivos brasileiros, houve a tentativa de propor a capoeira no programa dos Jogos Olímpicos Rio 2016, aproveitando a forte relação com o país anfitrião, a qual não logrou sucesso. Na ocasião, representantes do movimento negro foram a justiça requerer através de mandado de segurança a inserção da capoeira como modalidade olímpica de exibição nos Jogos de 2016, medida negada pelo Superior Tribunal Federal (STF, 2015).

Chegamos a 2020 sofrendo os males da pandemia do novo coronavírus que simplesmente parou o mundo e o esporte também. Porém, a mobilidade da capoeira se destaca através da fácil adaptação ao espaço físico permitindo dentro das regras de saúde treinos individuais dos mais variados; pelo uso da

musicalidade para aperfeiçoar toques de instrumentos, canto, compor ou gravar canções; nas vídeo aulas; no desenvolvimento intelectual com leituras de livros e cursos online; e nas lives para a chamada “papoeira” ou “rodas de conversa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso proposto e apresentado neste artigo está longe de esgotar o tema sobre o desenvolvimento da capoeira, pois possui uma delimitação temporal e a cada dia uma nova página é inserida dentro da historiografia, fazendo surgir novas interpretações e significados, modificando constantemente o panorama.

Isto posto, acreditamos que um importante fator não será alterado, nos referimos a presença da capoeira na sociedade, relação que avançará coexistindo e moldando-se dentro de suas características temporais, causando assim uma simbiose cultural.

REFERÊNCIAS

1. ASSUNÇÃO, M. R. Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 21, n.1, Rio de Janeiro, jan/mar 2014.
2. BARBOSA, G. **Uma possível “simbiose”: vadios e capoeira em Alagoas (1878-1911)**. 129f. Dissertação de mestrado. UFAL, PPH, Maceió, 2017.
3. CAMPOS, H. **Capoeira nas universidades: uma trajetória de resistência**. EDUFBA, 2001.
4. CAMPOS, H. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. EDUFBA, 2009.
5. CRESSIONI, F. E. de G. **Capoeira contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados**. 135f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
6. CUNHA, F. S. da. Capoeiras e a Revolta da Vacina. **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 166, mar/2015.
7. DIAS, L. S. **Quem tem medo da Capoeira? Rio de Janeiro, 1890-1904**. Rio de Janeiro. Arquivo Geral da Cidade. Coleção Memória Carioca, v.1, 2001.
8. FALCÃO, J. L. C. Aspectos do desenvolvimento da capoeira: transnacionalidade, resistência cultural e mobilidade. **Criar Educação**. V.5, nº1, Criciúma, jan/jun, 2016.
9. GONÇALVES, N. P da C. **A epistemologia do ensino da capoeira na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ**. 197f. Dissertação de Mestrado. PPGEF-UFRJ. UFRJ, 1997.
10. HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
11. IPHAN. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, DF, 2007.
12. LACÉ LOPES, A. L. **A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio – Sinhozinho e Rudolf Hermann**. Rio de Janeiro: Europa, 2002.
13. MARINHO, I. P. **Subsídios para estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1945.
14. OLIVEIRA, J. P. de O.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil**. EDUFBA, 2009.
15. OLIVEIRA, V. de. **Mundo submerso (memórias)**. 3 ed. Recife: s/e, 1985.
16. RÊGO, W. **Capoeira angola: ensaio etnográfico**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
17. REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

18. REIS, R. M; TELLES, S. C. C. A capoeira nas universidade: a Universidade Gama Filho. *In: Anais do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa*. Suplemento n.5. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 20, p.447, 2006.
19. SÁ-SILVA, J. R; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I - Número I - julho de 2009.
20. SOARES, C. E. L. **A negregada instituição: os capoeira na corte imperial 1850-1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999.
21. SOARES, C.E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808-1850**. 2a ed. Campinas: UNICAMP; 2001.
22. STF. **Inviável pedido ao STF de inclusão da capoeira nas Olimpíadas de 2016**. Brasília, 2015.
23. VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Edições 70. Portugal, 2008.
24. VIEIRA, L.R. **O jogo da capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
25. VIEIRA, L. R; ASSUNÇÃO, M. R. **Os desafios contemporâneos da capoeira**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009.
26. VIEIRA, S. L. S. **Capoeira - The Brazilian Martial Art**. *In: DACOSTA, L. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
27. ZONZON, C. N. **Gênero, malícia e tradição**. *In: POCHAT, A; SIMPLÍCIO, F. (Org.). Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas*. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.